

Voluntariado em Angola

Desde há cerca de 2 anos que pensava fazer voluntariado e no ano de 2011 surgiu a oportunidade de realizar o voluntariado no estrangeiro. Seria durante o mês de outubro, durante as minhas férias e na área social. Iria fazer voluntariado no projeto *Escolinha Pequena Chama* situada na ilha de Mussulo, perto de Luanda, onde se encontram deslocados muitos refugiados de guerra.

No início da viagem decidi ir sem expectativas e estar pronto para tudo. Iria com a missão de ajudar na Escolinha, de dar formação aos pais das crianças sobre higiene e segurança, e de dar uma hora de fisioterapia diária a quem precisasse na ilha, uma vez que sou fisioterapeuta de profissão.

No entanto, poucos dias depois de chegar a Luanda, adoei com uma gastroenterite devido a uma salada e maionese que comi. Foi frustrante ficar doente naqueles dias, pois desejava ir a Mussulo, colocar as “mãos na massa”. Felizmente, depois, fiquei totalmente curado, com antibiótico que tinha levado comigo. Percebi, contudo, a importância de ter ficado doente, pois permitiu-me conhecer melhor as pessoas que me ofereceram alojamento e que moravam ali perto. Falando com uma dessas pessoas, Alexia, percebi melhor a realidade da ilha do Mussulo, o projeto e suas dificuldades. Além disso, entendi que a minha experiência de voluntariado, poderia ser, simplesmente, amar quem está a meu lado, procurar colocar-me na “situação” das pessoas com quem convivia, ligar as pessoas com a minha presença e não ser, exclusivamente, trabalhar na ilha do Mussulo. Tudo era válido no voluntariado, desde que fosse expressão, deste querer bem a todos.

Depois de restabelecida a saúde, fui para o Mussulo e comecei a ajudar na Escolinha, naquilo que podia.

A ilha do Mussulo apresenta condições difíceis, sobretudo para aquela parcela da população que ali encontrou refúgio da guerra, que se encontra numa situação de grande pobreza. Não existe água potável, não há iluminação pública e a assistência médica é escassa. É por isso comum haver muitas doenças, sendo relatados casos frequentes de malária e disenteria.

A *Escolinha Pequena Chama* funciona de manhã como infantário para as crianças em idade pré-escolar: as crianças recebem um leitinho quando chegam, têm a manhã ocupada com aulas para aprender a ler e escrever, jogos e canções, seguindo-se, depois, um almoço nutritivo. À tarde a Escolinha dá apoio escolar a crianças mais crescidas, que já passaram por lá quando eram mais novas. Agora estão já na escola primária oficial, mas continuam a ser apoiadas pela Escolinha, onde vão à tarde para ter explicações e ajuda, com os trabalhos de casa. Existem 3 turmas de manhã (duas de crianças mais pequenas e uma de mais crescidos) e uma turma à tarde, de mais crescidos.

Quando cheguei à Escolinha, comecei por animar o tempo do recreio, ensinando jogos às crianças, enquanto os outros professores faziam uma pausa. Depois comecei a fazer de tudo um pouco: dar água às crianças, ajudar a cozinheira, ajudar os professores. Quando algum professor faltava, fazia eu de professor. A certa altura, a cozinheira começou a faltar e deixou mesmo de aparecer. Eu assumi então a tarefa de cozinhar para cerca de 75 crianças. Houve um dia que fazia de cozinheiro e professor em simultâneo! Na última semana, já com nova cozinheira, fui o professor de duas turmas em simultâneo, pois os professores avisaram que iam faltar. Os desafios não paravam de surgir!

O diretor da Escolinha, o Antoninho, estava lá desde janeiro de 2011 e, além de mim, era a única pessoa a trabalhar sem ser remunerado. Ele sim, é um grande voluntário, pois está lá todo o ano, apenas pelas crianças, ao contrário de mim que foram, somente, 28 dias. De segunda a sexta, ele vivia comigo no Mussulo, num alojamento no recinto da Escolinha. Ao fim de semana, quando a Escolinha fechava, eu regressava a Luanda.

Houve vários episódios, muito interessantes, com as crianças na Escolinha. Conto alguns:

Um dia uma criança, o Luciano, bateu noutra criança. Eu separei-os e fiz questão que pedissem desculpa, dessem um aperto de mão, e que recomeçassem a ser amigos. Passado uma hora, o Luciano estava de novo a bater no outro menino. Eu separei-os novamente e obriguei o Luciano a ficar comigo. Agarrei-o na mão sem o largar mais. Pedi-lhe que ajudasse a por a mesa, mas ele recusou. Decidi dar-lhe atenção, fui para a cozinha com ele e expliquei como cada coisa funcionava ali. A certa altura, eu precisava de servir o almoço, nas taças das crianças. Não dava jeito agarrar a mão do Luciano e servir as taças. Então larguei a mão dele, libertando-o. Contudo o Luciano surpreendeu-me, pois não só ele ficou comigo, sem ir embora, como me começou a ajudar na cozinha. Depois de todos os meninos estarem servidos, eu dei um abraço ao Luciano e agradeci-lhe. O amor tinha vencido e conquistado o seu coração. Para surpresa ainda maior, isto começava a tornar-se recíproco e uma outra criança, o Elias, perguntou-me se podia ajudar na cozinha.

Outro episódio, que acabou por ser muito curioso: a certo momento, verificamos que a dispensa da Escolinha, não tinha comida. Como fazer?

Na fisioterapia, o meu primeiro paciente foi o Senhor Pascoal, que era pescador. Eu e o Antoninho pedimos-lhe para trazer peixe para nós, quando ele pescasse. Numa manhã, ele trouxe-nos muito peixe e não quis que pagássemos. Decidimos tirar uma parte para nós e o resto entregamos na Escolinha, para fazer o almoço. Contudo, receando que o peixe não chegasse para todos os meninos, fui buscar



o peixe que guardamos para nós. Fizemos peixe frito nesse dia para os meninos. Foi um sucesso e ainda sobrou peixe para nosso jantar! O Sr. Pascoal salvou o almoço das crianças, nesse dia.

Numa outra ocasião, apareceu uma mãe com a sua criança, para fazer tratamento de fisioterapia, mas fora da sua hora e dia marcado. Tive vontade de adiar para outro dia, mas decidi não atuar conforme o que até seria justo e fiz o tratamento, como se, realmente, fosse o dia marcado. Esta criança devia ser auscultada, para ser devidamente avaliada. No entanto, como eu não tinha estetoscópio, usei a imaginação e encostei a minha orelha ao tórax da criança, o que remediou a situação. A sessão de fisioterapia respiratória, correu muito bem e a mãe ficou muito contente! Verifiquei a alegria que também eu sentia e concluí que não podia recusar fisioterapia a ninguém. Eu era o melhor que estas pessoas tinham, mesmo se a minha atuação, por vezes, não passasse de um aconselhamento. Mesmo que fosse no sentido de continuidade de cuidados médicos e de fisioterapia no futuro, como é por exemplo, o caso de situações neurológicas.

Luanda tem muitos problemas, como a pobreza, o excesso de população nas ruas. Existem cortes frequentes de luz e água, corrupção. Mas apesar de tudo isto, senti-me muito acarinhado, durante toda a minha experiência em Angola. Resultou numa maravilhosa experiência de voluntariado! O acolhimento, muito caloroso, a harmonia construída com todos, o convívio com os jovens. Todos devíamos fazer uma experiência destas na vida: doar-nos totalmente aos outros...

Rui de Maria Pinto

GALERIA FOTOGRÁFICA



A Escolinha Pequena Chama – Ilha do Mussulo – Angola



Na sala de aula: É tão bom aprender!



No recreio: É tão bom brincar num espaço seguro!



Na sala de Aula: Aprender a contar, com tampas de garrafas.





Ao almoço: Esta papa está uma delícia!



Formação aos pais das crianças da Escolinha



As meninas da Escolinha



Os meninos da Escolinha

